

Fredric Jameson e a dialética espacial: o debate marxista sobre a forma da crítica social na era da globalização

Thomas Amorim

Resumo: O marxismo se caracteriza pela centralidade conceitual da história como forma explicativa e objeto em análise, o que conduz à perpétua necessidade de atualização de suas elaborações, autocrítica e incorporação de novas problemáticas condizentes com o movimento real. A absorção da periodização sobre o “pós-modernismo” como correlato de uma nova “era espacial” parece condizente com tal tradição, no entanto, levanta dúvidas sobre seu caráter dialético. Ou seja, se tal análise permite compreender as contradições do tempo presente ou se funciona como miragem fatalista. Fredric Jameson é um dos grandes responsáveis pela apropriação de tais conceitos no âmbito do pensamento dialético, pois, ao correlacionar as formas simbólicas contemporâneas com a nova etapa capitalista, formulou a primeira e mais influente leitura marxista sobre os efeitos culturais da globalização. Sua reflexão sobre a possibilidade de fazer “o tempo e a história aparecerem” em tal contexto elucida os méritos e limites de tal discussão, porque o autor busca estabelecer relação entre crise e crítica e a emergência da possível “dialética espacial” da pós-modernidade.

Palavras-chave: marxismo; dialética espacial; pós-modernismo; globalização.

Abstract: The Marxism is defined by the conceptual centrality of history as an explicative form and object in analysis, what conducts to the perpetual necessity of actualization of its elaborations self-criticism and incorporation of new problematic points according to the real movement. The absorption of the periodization about the the “postmodernism” as a correlate of a new “spatial era” seems in accord with such tradition. However, they bring doubts about the possibility of sustaining its dialectical character. In other words, if such analysis allows us to understand the contradictions of the present time or whether it functions as a fatalistic mirage. Fredric Jameson is one of the great responsible people by the appropriation of such concepts in the area of the dialectic thought, because, when correlating the contemporary aesthetic process with the new capitalist phase, formulated the first and more influent Marxist reading about the cultural effects of globalization. His reflection about the possibility of making “time and history appear” in such context elucidates the merits and limits of such discussion, because the author aims to establish the relation between crisis and critics and the emergence of the possible “spatial dialectic” in the postmodernity.

Keywords: marxism; spatial dialectic; postmodernism; globalization.

1. A crítica do marxismo ocidental à “colonização da cultura”.

Tornou-se amplamente aceito o fato de que a sensibilidade histórica relativa ao tempo social, a percepção da sucessão de acontecimentos coletivos significativos e a consequente ideia de transitoriedade da época e de suas instituições, foi uma característica marcante na elaboração da cultura moderna e assinalava sua familiaridade com o pensamento radical e crítico. A temporalidade se deixava captar narrativamente por meio da centralidade de noções tais como “transgressão”, “inovação”, “criação”, “desenvolvimento” e “progresso”, que ocupavam discursivamente espaço de destaque em âmbitos tão diversos quanto os programas das vanguardas artísticas, o pensamento político e a atividade científica (JAMESON, 1996b).

A gênese desse traço cultural particular encontrava seu fundamento na lógica social do processo de modernização, na base social que engendrava contrastes e descontinuidades evidentes na experiência de indivíduos e populações em breves lapsos temporais. A evolução técnica e a aceleração planejada resultantes da produção capitalista geravam novas regras sociais e protocolos socioculturais que contrastavam vivamente com as vigorosas forças remanescentes do mundo pré-mercantil, com as relações sociais, os valores e os símbolos referenciados em períodos e modos de produção anteriores. O desenvolvimento acelerado tanto da economia quanto da cultura não anulava as contradições entre ambas, que apontavam para caminhos diversos e incorporavam lógicas incomensuráveis (JAMESON, 1996b).

O fetiche da mercadoria, a autonomia do mundo dos objetos mercantis frente à consciência humana, portanto, encontrava-se continuamente perante o espectro da diferença e de seus persistentes vestígios na consciência e na prática social. Tal interferência constituía a ambivalência fundamental na longa consolidação das relações de produção capitalistas, era o resultado da existência de um enclave estrutural de alteridade no interior da paisagem social tomada pelas mercadorias. A heterogeneidade constitutiva da modernidade afetava favoravelmente a *construção de narrativas históricas*, na medida em que resultava no impositivo contraste entre o hegemônico e o marginal, entre *o status quo* e o devir, ou seja, na resistência à plena estabilização de um modelo de vida burguês (BERMAN, 1997). Tratava-se de época caracterizada fortemente pelo contraste e surpresa, pela incidência de perturbação e crise:

A modernidade, ao contrário de suas conotações mais populares, não é o mundo em estado drasticamente transformado. Antes, como mostraram alguns críticos, é a experiência de viver intermitentemente no interior de espaços e velocidades modernizadas e, no entanto, habitar ao mesmo tempo

os resquícios de mundos da vida pré-capitalistas, sejam sociais ou naturais (CRARY, 2015, p.75).

A percepção de avanço da lógica social do capitalismo sobre a dimensão cultural resultou no conceito, formulado por György Lukács, de “reificação” e na ideia de que a mecanicidade econômica conformava uma totalidade na qual também a consciência tendia a tornar-se maquinal, na qual a “racionalidade instrumental” sequestrava os sentidos anteriores das diversas formas e substâncias de atividade humana. Constituía-se na teoria social, dessa maneira, uma leitura sobre a ameaça de que as dimensões qualitativas da vida fossem destituídas de lugar, isto é, a hipótese de que o predomínio dos imperativos da produção e reprodução do capital, da técnica e da acumulação tendencialmente resultariam na unilinear reafirmação da mesmice mercantil nos mais diversos âmbitos da sociedade (LUKÁCS, 2003).

Dentre os desdobramentos de tal interpretação, destaca-se no debate sociológico a teorização sobre a “indústria cultural”, o diagnóstico efetuado por Max Horkheimer e Theodor Adorno sobre a tendência à subsunção da experiência estética aos parâmetros sociais da produção de mercadorias e à integração do proletariado na “sociedade de massas”. Tal situação significaria passo inédito no processo de colonização da *práxis* por parte dos imperativos da dominação capitalista, do empreendimento do controle social sobre espaços anteriormente autônomos e espontâneos. A partir desse momento, registra-se de modo tangível o recuo da fronteira que guardava determinado grau de liberdade para tudo aquilo que era tipicamente imponderável no mundo pré-mercantil: a vida cultural e a formação psíquica dos indivíduos (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

É ainda no mesmo sentido que Guy Debord argumenta sobre a “sociedade do espetáculo”, sobre a constituição de um discurso único legitimador da ordem social vigente simultâneo à consolidação da hegemonia do tempo irreversível das coisas. A supressão da independência e da liberdade, antes limitadamente garantidos aos grupos privilegiados em decorrência da desigual repartição de ócio e labor, seria o resultado último e inesperado da forma específica de desenvolvimento da sociedade cindida em classes. No capitalismo recente teria sido dado o passo final na dominação dos ritmos das diferentes classes e grupos por parte do ritmo circular da produção e reprodução das mercadorias. Dessa maneira, surgiria a imagem como forma final da reificação e através da unilateralidade de seu impacto se consolidaria o eclipse da temporalidade, o congelamento da *práxis*, da construção do novo e da diferença (DEBORD, 1997).

2. O advento da “pós-modernidade” e sua “cultura espacial” na teoria de Fredric Jameson.

A dominação da lógica mercantil sobre a totalidade social e a institucionalização do próprio movimento modernista resultaram na crise do potencial cultural de projeção e resistência, ou seja, no obscurecimento de suas narrativas históricas e críticas. Ao continuar a crítica da cultura marxista e apropriando-se da periodização sobre o “capitalismo avançado” e posteriormente da noção de “globalização”, Fredric Jameson buscou associar o esgotamento do ímpeto modernizador à expansão intensiva e extensiva do capital, à diluição da especificidade não apenas dos lugares e culturas, mas da própria natureza e inconsciente na sociedade global. A paisagem mundial unificada já não permitiria a oposição entre existência e possibilidade, essência e aparência ou passado, presente e futuro. A nova realidade seria espelhada e dominada pelas imagens ensimesmadas, restariam nelas estilos desconexos e cores locais submetidas aos imperativos de reprodução do capital (JAMESON, 1996b).

A forma histórica, a duração em seu aspecto de transformação qualitativa, portanto, estaria ameaçada pelo entrelaçamento do pensar, sentir e fazer à lógica social da globalização. O alinhamento dos ritmos de vida na experiência social global tenderia a resultar na destituição do privilégio outrora concedido à sensibilidade temporal em favor da intuição de categorias espaciais¹. Após o período de disputas acirradas entre potências imperiais e o posterior desmanche da dicotomia plena da Guerra Fria (e suas correlatas ansiedades pelo devir), restaram como representações imediatas apenas as diferenças singulares em seus processos de localização e identidade ou assimilação e diferenciação, sempre no interior do agora inquestionável horizonte das relações capitalistas (JAMESON, 1996b).

A especificidade da globalização é justamente o fato de que nela o capital torna-se uma força inteiramente mundial e soberana, capaz de atravessar todas as fronteiras ou limites naturais e culmina no predomínio da sensação cultural “de que os ponteiros do relógio do Ocidente estão todos alinhados” (JAMESON, 1996b). Condizente com tal aparência objetiva, tenderia a se estruturar a percepção de que o período de inovações e transformações significativas está acabado, a impressão de que acontecimentos decisivos pertencem ao inexorável passado. A sensação de “fim da história” paralisa a práxis e forja noções relativas ao definitivo assentamento das relações sociais vigentes. Agora, mesmo os vestígios de mudança, indispensáveis à própria acumulação mercantil, tendem a ser figurados em seu sentido mais literal, mais simplório, ante o afastamento definitivo dos antigos fantasmas da cultura:

1O achatamento do espectro do diverso resulta no predomínio de uma imaginação temporal específica, aquela definida por Aristóteles como o tempo somatório de passado, presente e futuro, o *Chrónos*, e no obscurecimento do tempo como intensidade, *Aión*, e do tempo do Acontecimento, *Kairós*.

O outro de nossa sociedade é, nesse sentido, não mais a Natureza, como o era nas sociedades pré-capitalistas, mas uma coisa diferente (...) Estou preocupado em evitar que essa outra coisa seja demasiado rapidamente entendida como a tecnologia *per se*, já que quero demonstrar que a tecnologia é aqui uma figura para algo diferente (JAMESON, 1996, p.61)

O que recebe o revestimento de puro avanço técnico, na verdade, é a própria saturação do planeta, o esgotamento das fronteiras a desbravar pela forma mercadoria. A tecnologia como avatar único da impermanência ilustra de maneira bastante clara a realidade de que as transformações já não possuem o frescor da novidade qualitativa, mas apenas representam o ideal aprofundamento quantitativo do ser social existente. A pálida promessa de mero aperfeiçoamento da maquinaria já estabelecida, portanto, seria o sintoma cultural da mesmice que domina a experiência. O cenário indicaria o fracasso da imaginação em conceder espaço a quaisquer contradições resultantes de um processo histórico em aberto. Na era da globalização, o desejo de retornar à antiga e ultrapassada percepção histórica moderna tornou-se não apenas anacronismo estilístico, mas sociológico.

As cidades polos do mundo globalizado desconstruíram as coordenadas sensoriais ordinárias que anteriormente serviam para a orientação subjetiva e refizeram o espaço em acordo com a exigências de aceleração e libertação dos resíduos considerados pré-tecnológicos das paisagens urbanas. Dessa maneira, o entorno imediato e os cenários mais familiares aos indivíduos, as construções arquitetônicas e urbanísticas, já registram as características da sociedade pós-moderna por meio da arquitetura empresarial: a necessidade de criar efeitos cosmopolitas, globais e turísticos. A localidade é planejada em diálogo com especificidades e semelhanças em um circuito internacional de gostos, afetos e hábitos - e não por meio das antigas promessas ideológicas de desenvolvimento e necessidade nacional. Assim, tal lógica espacial parece encontrar fundamento transversal em inúmeros âmbitos da organização social do período contemporâneo, e não ser fruto contingente de equilíbrios de força frágeis e passageiros². (JAMESON, 1996b).

A padronização, a velocidade da especulação imobiliária, a necessidade de “iluminação” e funcionalidade permanente sustentam um ritmo alinhado à reprodução da nova sociedade mundial, constroem uma forma de vida intencionalmente desacoplada dos antigos “ritmos naturais” das coletividades e dos referenciais fenomenológicos típicos da corporalidade do indivíduo burguês clássico (CRARY, 2014). A memória acaba incapacitada e as reminiscências estão atreladas aos

2 O fato da crítica se dirigir ao modo de produção em seu nível mais profundo explica a pretensão do autor de definir as linhas gerais de uma tendência que alcançaria da literatura à música, do cinema às artes plásticas e da teoria social às manifestações espontâneas da cultura.

imperativos do presente sufocante, pois a recuperação do passado aparece sob a forma de consumo voraz de meras imagens destituídas de sua organicidade original e destacadas apenas como resultado e sinal da superabundância do consumo (JAMESON, 1996b; DEBORD, 1997).

Esse conjunto de mudanças que caracteriza a vivência contemporânea e afasta do imaginário atual a relação para com as formas de vida de épocas passadas consolida-se por meio da retroalimentação do horizonte histórico do capitalismo global – agora, nostalgicamente, aparecem “estilos de época” pulverizados e estereotipados. O encanto com as puras imagens que se sucedem em uma dinâmica própria e de aparência aleatória resulta em desafio à construção mental de significados coerentes, de contrastes e oposições perante às quais assumir posições. Do ponto de vista subjetivo, seguidas gerações acostumadas à oferta contínua de mercadorias e insumos culturais sob a lógica da “obsolescência planejada”³ suprimem a formação da consciência tradicional burguesa, impedem a narratividade histórica através da articulação entre passado, presente e futuro. Aparece o que Jameson qualifica como experiência esquizofrênica: os signos são cindidos, porque os significantes são desacoplados de seus antigos significados e se inviabiliza a orientação do eu e, portanto, a práxis:

Com a ruptura da cadeia de significação, o esquizofrênico se reduz à experiência dos puros significantes materiais, ou, em outras palavras, a uma série de puros presentes, não relacionados no tempo [...] No contexto de nossa discussão, essa experiência sugere o seguinte: primeiro, que a ruptura da temporalidade libera, repentinamente, esse presente do tempo de todas as atividades e intencionalidades que possam focalizá-lo e torná-lo um espaço de práxis; assim isolado, o presente repentinamente invade o sujeito com uma vivacidade indescritível, uma materialidade da percepção verdadeiramente esmagadora, que dramatiza, efetivamente, o poder do significante material – ou melhor, literal – quando isolado. (JAMESON, 1996, pp. 53-54)

O colapso da ação e imaginação transformadora é o resultado mais destacado por tal diagnóstico sobre o desenvolvimento cultural de nossa época. A disposição à crítica se tornaria pálida perante à vivacidade da propaganda e a imediaticidade dos objetos históricos transmutados em imagens eternas e autônomas. É o que se percebe nos próprios autoconceitos gerados pelo entendimento, como o uso sociológico contemporâneo da ideia de “sociedade complexa” (em Anthony Giddens, por exemplo). Aqui toda a singularidade e alternativas é reduzida a uma forma temporal vazia: trata-se implicitamente da redução da memória social à oposição binária entre o *status quo* e o *que não pode retornar*, o arcaico ou “simples”. Assim, são forjadas noções e apreciações que aprisionam o pensar no círculo vicioso de

³ É um prazer que se consome na pressa pelo necessário prazer seguinte, um “sempre ruim” mercadológico. Daí deriva também o cinismo que resulta da busca por racionalizar os imperativos incompatíveis do capitalismo avançado e aceitá-los como uma antinomia inerente à vida (SAFATLE, 2012).

reafirmação do já conhecido e a história se dissolve com a mesma facilidade em marcha fatal ao presente ou em particularidades, curiosidades e variações aleatórias (JAMESON, 2009).

De fato, a tendência geral da apreensão da nova configuração social foi a negação dos preceitos diacrônicos que haviam sido hegemônicos no período anterior. O caso paradigmático, segundo Perry Anderson, foi a reação ao marxismo na teoria social francesa por parte do estruturalismo, que implantou o domínio teórico da sincronicidade numa controvertida apropriação dos princípios da linguística estrutural, de Saussure. Logo tal ataque à historicidade desdobrou na teoria pós-estruturalista e na destituição completa da diacronia, na impossibilidade sequer de conceber oposição entre subjetividade e objetividade, sujeito e estrutura⁴ (ANDERSON, 2004).

3. A possível “dialética espacial” como linguagem crítica do presente.

A radicalidade desse diagnóstico implica na dificuldade de compreender a possibilidade de emergência da *forma histórica* em tal era de “cultura espacial” (MUSSE, 2012). Ora, as noções de declínio da alta modernidade, de dissolução das fronteiras entre alta e baixa cultura, e a já referida extrapolação do conceito estético para o âmbito da prática social geral, fazem com que se torne enigmática a sobrevivência da dialética enquanto efetividade social ou possibilidade teórica presente. Então, a partir de tal figuração enfática sobre a homologia entre a base econômica da sociedade globalizada e suas elaborações superestruturais, como podemos imaginar fonte social para a formulação de uma linguagem crítica, apta “a fazer aparecer o tempo e a história”?

Naturalmente, a especulação sobre a recuperação do significado da história e da temporalidade é um enigma com o qual Jameson se defronta desde de suas primeiras teorizações acerca da paisagem geopolítica na era da globalização

Uma estética do mapeamento cognitivo – uma cultura política e pedagógica que busque dotar o sujeito individual de um sentido mais aguçado de seu lugar no sistema global - terá, necessariamente, que levar em conta essa dialética representacional extremamente complexa e inventar formas radicalmente novas para lhe fazer justiça. Essa não é, então, uma convocação para a volta a um tipo mais antigo de aparelhagem, a um espaço nacional mais antigo e transparente, ou a qualquer enclave de uma perspectiva mimética mais tradicional e tranquilizadora: a nova arte política (se ela for possível) terá que se ater à verdade do pós-modernismo, isto é, a seu objeto fundamental – o espaço mundial do capital multinacional –, ao mesmo tempo, que terá que realizar a façanha de chegar a uma nova modalidade, que ainda não somos capazes de imaginar, de representá-lo, de

4 O avanço do processo revelou o sentido geral do projeto formulado por Levi-Strauss de “dissolução do homem” e mostrou que o marxismo de Althusser, apesar de seus méritos intelectuais, era ainda um passo de capitulação quanto à possibilidade de apreensão dialética do real. Então, após os eventos de Maio de 68, o reino teórico da sincronia se estabelece, a “estrutura se torna sua antítese, e nasce o pós-estruturalismo propriamente dito ou o que pode ser definido como um subjetivismo sem sujeito” (ANDERSON, 2004, p.188).

tal modo que nós possamos começar novamente a entender nosso posicionamento como sujeitos individuais e coletivos e recuperar nossa capacidade de agir e lutar, que está, hoje, neutralizada pela nossa confusão espacial e social. A forma política do pós-modernismo, se houver uma, terá como vocação a invenção e a projeção do mapeamento cognitivo global, em uma escala social e espacial (JAMESON, 1996b, p.91).

A esperança manifesta por Jameson na *forma política do pós-modernismo* e a solução na noção de *mapeamento cognitivo*, como se vê na passagem acima, permanecia pouco específica e abstrata. É apenas considerando as crises e ciclos de desenvolvimento do capital, sua imanente inconstância, que passamos a obter pistas para compreender a formulação de novas narrativas críticas.

O aspecto decisivo é a tessitura das formas narrativas, os modos de representação socialmente condicionados através dos quais torna-se possível trazer à consciência a opacidade do mundo social. Segundo Jameson, foi a emergência dos conflitos e instabilidades sociais modernos que permitiu a elaboração da percepção dialética da história como movimento contraditório. A “luta social” enquanto estrutura explicativa em meio às formas míticas e concepções idealistas – por exemplo, a “história política” – sela a ascensão da temporalidade como forma narrativa. De maneira análoga, é por meio da materialidade da globalização que se pode esperar a emergência de seus próprios paradoxos e a definição da forma crítica do capitalismo contemporâneo. Toda construção narrativa atual se funda na língua da globalização: ora a homogeneização espacial do tempo, ora códigos culturais de ruptura; ou fluxo aleatório e meramente cumulativo de “novidades”, ou seu entendimento como trincheiras preenchidas por negatividades (JAMESON, 1992, 2013).

Para compreender as características de tal solução materialista, faz-se necessária a digressão sobre o pensamento não dialético. Em seu modo tradicional, ele estaria ligado à rubrica do maniqueísmo e da cisão ideológica entre o normal e o marginal: a afirmação fetichista da intransitividade entre positivo e negativo, encarnada no *binarismo* típico da época do capitalismo ascendente. Trata-se da mistificação empreendida pela filosofia positivista na qual a complacência com o *dado* resulta em passividade perante os mecanismos hegemônicos da sociedade e a recusa *a priori* de toda consideração séria sobre o aspecto qualitativo do existente. A destituição da subjetividade autônoma e fixidez do pensamento em termos de *meios e fins*⁵ é uma contrapartida cultural ao processo histórico coisificado na época do capitalismo ascendente e evolutivo (JAMESON, 1996b).

Na época da globalização, por sua vez, o avesso da forma histórica se

⁵ Apesar da falta de explicitação sobre as mediações entre economia e cultura, essa crítica se apresenta no Eclipse da Razão: “A razão se tornou algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la [...] Qualquer uso dos conceitos que transcenda a sumarização técnica e auxiliar dos dados factuais foi eliminado como um último vestígio de superstição” (HORKEHEIMER, p.26, 2007).

mostraria com mais frequência sob a forma multicultural: o deleite com os detalhes, a apreciação de puros efeitos e singularidades visíveis em meio à diversidade planejada da paisagem global. O pós-modernismo filosófico seria justamente o mais consequente empreendimento de formulação desse novo “positivismo espacial” (JAMESON, 1996a). A desarticulação do ímpeto transformador, portanto, estaria envolta no espectro da pura diferença: a caleidoscópica multiplicidade do real tende a encobrir a sensibilidade quanto a antagonismos estruturais e radicais. Seu efeito narrativo relaciona-se com a manutenção do estado de coisas vigente e o faz por meio do revestimento do pensamento por um determinismo já não mais envolto no “mito do progresso”. Agora a ideologia relaciona-se ao horizontal, ao gerenciamento do tempo presente e pela intensidade da fé na repetição e no *status quo*⁶ (JAMESON, 2009).

Considerando sociologicamente, a reconstrução das coordenadas críticas não é fruto da mera formulação de percepções “realistas” ou “naturalistas” – o transcurso das gerações, dos marcos em calendários ou da evolução natural do mundo físico. Assim sendo, não há poder suficiente nas demonstrações científicas e racionais capazes de desconstruir a homogeneidade e linearidade na temporalidade dominante. A forma histórica, em suma, não está vinculada simplesmente à “correta apreensão” da substância qualitativa da temporalidade, e sim à formação de condições sociais aptas a concretizar simbolicamente a historicidade. Trata-se do mapeamento de dissonâncias na lógica social, da captação e expressão da efetiva existência de dimensões divergentes no processo da globalização. A resolução do impasse entre espaço-tempo globalizado e história, portanto, depende captações convulsões do sistema-mundo atual: o surgimento de figurações a fazerem conviver as incompletudes, os ruídos da experiência real (JAMESON, 2013).

O desdobramento de novo referente em código histórico e estilos críticos não é desafio exclusivo da etapa pós-moderna da cultura. Jameson traça elucidativo paralelo entre sua busca pela forma da “dialética espacial” na globalização com a formulação de crítica no interior do anterior processo de modernização. Esse processo tornou necessária a contínua incorporação de elementos narrativos aptos a instituírem sentido para estruturas sociais em movimento. As rápidas metamorfoses históricas foram captas por aqueles que são considerados grandes gênios da literatura: os grandes realistas (Tolstoi, Dostoiévski, Gogol, etc.); os modernistas (Proust, Joyce, Kafka, etc); ou, no período posterior, (Borges, García Marquez, Guimarães Rosa, etc).

⁶ Essa virada relativa, a corporificação emotiva da “razão subjetiva”, foi antecipada na mesma teoria: “Ao mesmo tempo a linguagem tira sua vingança, revertendo ao seu estágio mágico. Como nos tempos da magia, cada palavra é considerada uma força poderosa que pode destruir a sociedade e pela qual aquele que fala deve ser responsabilizado. De acordo com isso, a busca da verdade, sob controle social, é cerceada. A diferença entre pensamento e ação é anulada[...]. Todo mundo é interpelado pelo que diz e pelo que não diz. Tudo e todo mundo é classificado e rotulado” (HORKHEIMER, P.27-8, 2007).

As linguagens contrastantes não são fruto de caprichos pessoais, mas de experiências sociais diversas e novas relações entre arte e vida. Cada uma de suas respectivas formas de lidar com a experiência subjetiva, de reconstruir a tessitura rotineira da vida comum de sua época, representa uma resposta ao desafio imposto pela conjuntura específica de suas sociedades às necessidades de sentido compartilhadas por seus contemporâneos (JAMESON, 2013).

Ainda mais elucidativa é a construção narrativa efetivada por Marx e Engels no *Manifesto*, no qual o desenvolvimento da civilização aparece e é perspectivado por um *flash* que o ilumina: a história até hoje tem sido a história da luta de classes. Realocando toda a diversidade de épocas, grupos sociais e individualidades na oposição estrutural entre opressores e oprimidos, exploradores e explorados, o materialismo histórico permite desconstruir o tempo linear do positivismo e sublinhar a diacronia conflitiva. A emergência do moderno conflito de classes e do pensar dialético permitiu que se percebesse na própria temporalidade o afloramento de uma dualidade crítica, leitura nova e em nada próxima aos simplórios binarismos éticos, porque histórica e apoiada em conceito não antropomórfico. De maneira ainda mais aprofundada, o *Capital* organiza-se para demonstrar o processo de reprodução e acumulação através das dramáticas inversões entre potencial emancipatório e opressor da maquinaria, entre trabalhadores e capitalistas, o uso e a troca, etc. ⁷(JAMESON, 2013; MARX 2011b).

Para Jameson, a globalização parece necessitar da mesma natureza de esforço para a constituição de expressões dialéticas sobre as facetas diversas e concretas da experiência “pós-moderna”. Trata-se de uma espécie de trabalho simbólico para a apreensão e efetivação de um novo “mapeamento cognitivo” das relações sociais e suas crises latentes. A partir do acervo espacial fornecido pela forma de existência atual, o autor crê ser possível a constituição de uma nova maneira de representar a continuidade da exploração e estranhamento em acordo com as especificidades hodiernas da experiência. O fluxo do capital em suas complexidades relativas a produção, consumo, distribuição e troca poderia até mesmo adquirir visibilidade inédita na linguagem espacial:

Pode ser algo mais fácil captar as complicações das temporalidades marxianas simultâneas de produção e distribuição, realização e reprodução, circulação e fluxo em termos das rotações do espaço global; de fato é provável que, sem se dar conta, a economia burguesa atual esteja tratando

⁷ Anterior aos exemplos extraídos do *Capital* ou do *Manifesto*, podemos ressaltar em Marx a consciência da necessidade de narração crítica do real: “É preciso tornar a pressão efetiva ainda maior, acrescentando a ela a consciência da pressão, e tornar a ignomínia ainda mais ignominiosa, tornando-a pública. É preciso retratar cada esfera da sociedade alemã como a *partie honteuse* [parte pudenda, vergonhosa] da sociedade alemã, forçar essas relações petrificadas a dançar, entoando a elas sua própria melodia! É preciso ensinar o povo a se aterrorizar diante de si mesmo, a fim de nele incutir coragem” (MARX, 2013, p.148).

de fazer precisamente isso [...] Mas deve-se recordar que essas não são proposições ontológicas, e sim representacionais [...] Toda proposta viável para uma dialética espacial se encontrará obrigada a oferecer uma interpretação espacial do que tradicionalmente se entendeu como autoconsciência e validou sua singularidade e seu privilégio temporalmente (JAMESON, 2009, p.87, tradução nossa)

A experiência moderna e sua intuição temporal foram capazes de produzir figurações da identidade histórica sob o influxo do pensamento dominante. A percepção de mutabilidade aparecia como representação da evolução e da linearidade histórica na filosofia positivista. De modo similar, a cultura pós-moderna produziu geralmente o que poderíamos chamar de diferença equalizada, a diversidade ensimesmada, análoga à “igualdade cínica das mercadorias”. O projeto da dialética espacial é que através da exposição abundante da pluralidade, seu entrelaçamento crítico, possa aparecer o seu negativo: a imagem da alteridade real e histórica. Em suma, tal como a experiência moderna pôde ser apropriada como “equivalência e simultaneidade”, a experiência pós-moderna poderia desdobrar-se em “assimetria e movimento”.

É possível que as formas culturais mais recentes adquiram até mesmo vantagens temporalizantes, anteriormente imprevisíveis, sobre a linguagem moderna. A aposta teórica de Jameson parece ser de que haja espaço para uma espécie de “marxismo espacial”, de que a própria forma de narrar contemporânea, na teoria e na arte, se revele a altura do desafio crítico não mais suportado pelos textos modernistas:

É precisamente esta capacidade do texto literário de fazer aparecer o Tempo, ainda de maneira irregular, o que constitui a este respeito a superioridade da estética pós-moderna sobre sua antecessora modernista. Porque enquanto esta última perseguia a miragem da unificação que ainda compartilhava com a filosofia, a primeira elegeu abraçar a dispersão e a multiplicidade; e o slogan “a diferença relaciona”, que mencionei mais acima, resulta ser o melhor programa de trabalho para este desenvolvimento de níveis temporais que, descobrimos, se requer para toda abordagem mediada do tempo, na ausência da coisa mesma (JAMESON, 2013, 606, tradução nossa).

Outro conceito empregado pelo teórico no contexto de sua busca pela resolução do problema é o de “paradoxo dialético”. Trata-se da possibilidade de exploração dos códigos sociais pós-modernos que permita à imaginação social lidar de modo não apologético com o idioma espacial do tempo presente e com a sua aparência objetiva. A crítica deve ser capaz de implodir a serena superfície ideológica do mundo globalizado. A força do paradoxo seria, seguindo a ideia de Slavoj Žižek, a ferramenta crítica mais impactante perante a ideologia contemporânea: “no universo globalizado de hoje, marcado por lacunas inconciliáveis entre níveis diferentes da nossa vida, a fidelidade a visões em paralaxe, a antagonismos não-resolvidos, é a única forma de abordar a totalidade da nossa experiência” (ŽIŽEK, 2008, p.189).

Vê-se que Jameson recusa a noção moderna e substancial de “verdade” em favor da ideia de que todas as leituras são “narrativas”. O empréstimo à concepção de Žižek resulta na recuperação da “verdade” enquanto *forma*, modo específico de

relacionar concepções divergentes de maneira crítica e fazer oposição à visão ordinária do entendimento. Romper com a placidez do senso comum rumo à sua superação numa reconstrução da temporalidade é, por conseguinte, a função primordial dessa “dialética espacial” em construção. Tal feito encontra sua possibilidade efetiva na perturbação que pode resultar do contraste entre os insumos heterogêneos e plurais fornecidos pela própria continuidade imagética formada no contexto do capitalismo global (JAMESON, 2013)

4. Considerações finais: A crítica de Jameson e o projeto marxista de superação das antinomias do pensamento social tardo-burguês.

O projeto de crítica através da aparência objetiva do mundo contemporâneo se caracteriza como indício de uma saída dialética para a questão da temporalidade na globalização. Através do paradoxo dialético, busca-se superar as aporias teóricas da cisão liberdade/necessidade e tornar inteligível o escape à gigantesca coerção estrutural da homogeneização através dos ritmos dissonantes que se podem captar no interior do processo social. Trata-se da formação de narrativa atrelada à especificidade das condições vigentes, porém apta a operar a conversão do *dado* espacial em *devir* histórico. O novo e o movimento agora devem surgir na forçada convergência das rupturas da experiência. A dialética espacial se apropria das teorias estruturais e humanistas, dos diagnósticos econômicos e culturais totalizantes e igualmente de suas lacunas. Em suma, “o aparecimento do tempo” se dá através do emparelhamento e intersecção entre registros discursivos incomensuráveis:

Necessitamos de algo como uma teoria da “intersecção” como fenômeno estrutural (que bem pode ter sua correlação e sua equivalência na “realidade” extratextual). Podemos acordar que para esses textos se requer uma primeira experiência temporal, e que as distintas temporalidades determinam uma leitura imperativa que podemos comparar com a obrigatória *traverse* ou cruzamento de todas elas, enquanto a narrativa constrói múltiplos caminhos e trajetórias diversas, a elaboração, no tempo, das distintas dimensões do tempo que projeta. Mas a aparição do Tempo ou da História propriamente ditos não depende da multiplicidade e da variedade dessas trajetórias, mas de sua interferência mútua, de sua intersecção entendida agora como dissonância e como incomensurabilidade antes do que como conjunção que as aumenta, tal como síntese, por meio do espaço central de um encontro ou combinação harmoniosa (JAMESON, 2013, p.619, tradução nossa).

O cruzamento entre dimensões paralelas da vida e do pensamento social, a apropriação simultânea de escalas diversas de percepção sobre a efetividade do real permite, então, a intelecção sobre as fronteiras interiores à paisagem social antes monolítica. A necessidade de manter unidos os momentos heterogêneos impede a cristalização e a sensação de alinhamento, coesão e harmonia total entre as representações locais e setoriais do ser global. A dissonância cultural é correlata à efetiva incompatibilidade entre classes, nações e povos e sua não submissão completa ao ritmo hegemônico na sociedade do capitalismo globalizado.

Seria a duplicidade da própria globalização, portanto, a emergir no processo crítico. A “dialética espacial” coloca em contraste os sentidos parciais, as estruturas e lógicas diferentes que o processo global faz conviverem. Por essa via, Jameson busca relativizar a interpretação da “esquizofrenia” e “nostalgia” como formatações subjetivas inevitáveis, os limites alcançados do sistema-mundo dão vez a novas formas de compreender a transição histórica e evitar a superficial intensidade do presente⁸.

A síntese teórica para os problemas narrativos colocados pelo atual estágio do capitalismo passa pela recomposição do pensamento de autores diversos como Arrighi e Lukács, Althusser e Sartre, Adorno e Žižek. É seguindo tal vereda que Jameson incorpora a análise de Ricoeur sobre a narratividade em Ferdinand Braudel. Braudel, reconhecido por sua perspectiva da “longa duração histórica”. Aí a temporalidade surge em meio a provocadora interpenetração da geo-história, da história civilizacional e da curta temporalidade vivida por indivíduos concretos. O historiador surge como inspiração para pensar não “o ofício do historiador”, e sim a própria possibilidade da historicidade enquanto artifício narrativo.

Nesse caso, diz o autor, a dialética surgida pela resultante indefinição quanto aos parâmetros e códigos desses diferentes registros resulta num efeito desconstrutivo com relação à linearidade do desenvolvimento temporal. Trata-se de estímulo para a precipitação das dinâmicas sociais diversas na figura do Acontecimento:

Devemos portanto reter esta violência e negatividade em todo conceito de interseção, para que esta conjunção dissonante conte como um Acontecimento, e em particular para como esse Acontecimento que é a efêmera elevação e aparição do Tempo e da História propriamente ditos. Tampouco é este um assunto puramente textual ou filosófico; porque é a mesma conjuntura discordante a que constitui o surgimento do tempo e da história real. Com efeito, o momento de interseção é também aquele em que o Tempo aparece pronto aos indivíduos como uma experiência existencial ou fenomenológica (ou, se preferirem, como a interferência radical com essa experiência privada, como aqueles que irrompem nela desde fora e a tornam vulnerável, um juguete de forças exteriores inimagináveis) (JAMESON, 2013, p. 620, tradução nossa).

A interconexão entre a tessitura objetiva e subjetiva, entre os mecanismos estruturais e as experiências fenomenológicas do universo social facilitam a representação das valências dialéticas, porque coloca em contraste instâncias tidas como incomunicáveis e demonstra a incerteza da processualidade histórica. O Mediterrâneo analisado por Braudel pôde emergir como figura durante processo de transferência do eixo histórico para o Atlântico. Assim, as brechas para efetivar a

8 O modo como Tucídides avalia as guerras da antiguidade a partir da perspectiva ideológica do destino e sua tragicidade inerente possui algo de especificamente válido para a sua época histórica, ao mesmo tempo em que sobrevive como possibilidade de leitura para os contemporâneos por seu caráter concreto e verdadeiro. A relatividade e objetividade são momentos inevitáveis de toda narração, embora o processo histórico forneça como vantagem ao presente o conhecimento das perspectivas antepassadas (JAMESON, 2013).

representação da globalização se encontram nas contradições que agora irrompem mundo afora das maneiras mais violentas. O potencial construtor e demolidor do capitalismo global permite-se entrever ora como sistema em unificação, ora como interesses personalizados de controle geopolítico.

A confirmação dos temores das gerações modernistas sobre a consolidação de uma realidade fria e desumana, a reprodução indefinida das condições socioeconômicas vigentes e o enquadramento da experiência subjetiva em tais marcos, parece ser o resultado inicial do diagnóstico sobre a globalização, mas, em sua atualização contraditória, o fenômeno social demonstra a existência de lacunas em tal domínio. Do contexto particularmente árido para a formação da temporalidade surgem novas perspectivas por meio das quais se torna possível reinventar os sentidos, o tempo e suas inversões, características narrativas fundamentais à orientação humana. A *transversalidade* é o modo pelo qual a particularidade de tais formas pode aparecer sem serem isolada ou anulada em sua lógica interna.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMORIM, Thomas. O Espectro da História: aspectos ficcionais da imaginação histórica no capitalismo avançado. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, 2016.

ANDERSON, Perry. Nas trilhas do materialismo histórico. In: _____. *Considerações sobre o marxismo ocidental; Nas trilhas do materialismo histórico*. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2004, p.141-239.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. SP: UNESP, 1995.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. SP: Companhia das letras, 1997.

BOER, Roland. *The Strumbling Block of Fredric Jameson*. In: *Criticism of religion: on Marxism and theology*, II. Boston: Brill, 2009

CAMARGO, Sílvio. O Marxismo de Adorno em Fredric Jameson. Disponível em: <
http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt6/sessao1/Silvio_Camargo.pdf > Acesso em: 13/06/2016.

CEVASCO, Maria Elisa. *O diferencial da crítica materialista*. In. *Idéias*, v.4, n. 2, pp.16-30, 2013

_____. *Prefácio*. In. *A Cultura do Dinheiro*. São Paulo: Vozes, 2001.

CRARY, Jonathan. *24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOMER, Sean. *Fredric Jameson: marxismo, hermeneutics, postmodernism*. Cambridge: Polity Press, 1998.

HOMER, Sean; KELLNER, Douglas (Ed.). *Fredric Jameson: a critical reader*. New York: Palgrave, 2004.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2002.

JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma: Teorias Dialéticas da Literatura no século XX*. SP: Hucitec, 1985.

- _____. *O Marxismo Tardio*. São Paulo: Editora UNESP; Boitempo Editorial, 1996a.
- _____. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996b.
- _____. *O Inconsciente Político. A Narrativa como Ato Socialmente Simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *A Cultura do Dinheiro*. São Paulo: Vozes, 2001.
- _____. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *Arqueologías del Futuro*. Madrid: Ed. Akal, 2009.
- _____. *Valencias de la dialetica*. Buenos Aires: Eterna Cadência, 2013.
- _____. *Representing Capital: A Commentary on Volume One*. Londres: Verso, 2014.
- _____. *The Antinomies of Realism*. Londres: Verso, 2015.
- JAMESON, Fredric; BUCHANAN, Ian (Ed.). *Jameson on Jameson: conversations on cultural marxism*. Durham & London: Duke University Press, 2007.
- MANDEL, Ernest. *The long waves of capitalist development – A Marxist interpretation*. Londres: Verso, 1995.
- LÖW, Martina. *O Spatial Turn: para uma sociologia do espaço*. In. *Tempo Social*, v. 25, n. 2, 2013
- LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: livro I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MUSSE, Ricardo. O debate marxista sobre a pós-modernidade. *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, ano VII, n.3, 2012. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-debate-marxista-sobre-a-pos-modernidade-de-ricardo-musse/>>. Acesso em: 18/07/2016.

ROBERTS, Adam. *Fredric Jameson*. London: Routledge, 2000.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

TALLY JR., Robert T. *Fredric Jameson. The project of dialectical criticism*. Londres: Pluto Press, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *Visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.